

ENCONTRO SINDICAL

(7/10/2021)

APRESENTAÇÃO DO LIVRO: *CGTP-IN – 50 ANOS DE LUTA COM OS TRABALHADORES*
(Intervenção de José Ernesto Cartaxo)

Permitam que comece por saudar a direção da CGTP-IN, na pessoa da sua secretária Geral, camarada Isabel Camarinha, saúde todos os presentes, neste grande encontro e, por vosso intermédio, saúde todos os trabalhadores, dirigentes, delegados e ativistas sindicais que, ao longo dos anos, contribuíram, e continuam a contribuir, para a construção e consolidação desta grande organização sindical de classe dos trabalhadores portugueses, que é a CGTP-Intersindical Nacional.

Antes de mais, quero dizer-lhes que foi com muita honra e satisfação que aceitei o convite da direção da nossa Central para que se reeditasse o livro, *CGTP-IN -50 ANOS DE LUTA COM OS TRABALHADORES*.

Este livro, é, portanto, uma 2ª edição, do livro publicado nas comemorações dos 40 anos da Central, agora numa versão revista e aumentada com os principais acontecimentos dos últimos 10 anos.

Importa dizer também que, quer a primeira quer a segunda edição, serviram de base ao conteúdo das duas exposições do 40º e 50º Aniversário da CGTP-IN, que percorreram todo o país, com vários painéis, organizados em cinco grandes temas: (i) A Fundação da Intersindical, (ii) os Primeiros de Maio, (iii) os Aniversários, (iv) as Greves Gerais, (v) os Congressos, e uma cronologia com imagens e textos que testemunham alguns dos acontecimentos que marcam a história da CGTP-IN.

Mas antes de vos falar do conteúdo desta 2ª edição, permitam que vos diga que este livro é indissociável dos primeiros 3 volumes da série, *Contributos para a História do Movimento Operário e Sindical*.

Estes, são 3 volumes que foram fruto de um trabalho coletivo que resultou do convite que a direção da nossa Central fez, em 2008, a um conjunto de ex-dirigentes seus, após cessarem funções sindicais, que, para o efeito, se organizaram em Grupo de Trabalho e cujos nomes constam nas fichas técnicas dos respetivos livros.

A todos eles, alguns dos quais aqui presentes, um grande abraço de camaradagem e reconhecimento, pelo seu contributo, com destaque para o Américo Nunes, que comigo coordenou o GT e que teve a responsabilidade da redação final dos textos.

Uma palavra de saudade para os camaradas Canais Rocha e Kalidás Barreto, que já não estão entre nós mas continuam e continuarão sempre ao nosso lado. Para eles e para todos os que nos deixaram peço-vos uma grande saudação.

Voltando aos 3 volumes, o primeiro deles, que trata o período que vai – Das raízes até 1977 – foi publicado durante as comemorações do 40º Aniversário da nossa Central; o segundo, que abarca o período – De 1977 até 1989 – foi tornado público, no quadro das

comemorações do 45º Aniversário e o terceiro – que aborda o período de 1989 a 2003, foi lançado durante as comemorações dos 50 anos da CGTP-IN.

Todos eles, tal como o livro que hoje aqui estamos a apresentar, editados pela CGTP-IN, refletem uma leitura da história da luta dos trabalhadores, na voz de sindicalistas que viveram intensamente muitos dos acontecimentos descritos.

São textos que dão primazia à história dos trabalhadores e das suas organizações de classe, que são a força motriz das grandes transformações progressistas na sociedade.

Conhecer e estudar essa história é um dever de todos os dirigentes e ativistas sindicais, para, à luz dessa memória histórica, melhor poderem interpretar o presente e agirem na construção de um Portugal com futuro.

É esse conhecimento que se pretende transmitir, com o conteúdo desenvolvido no **I volume**, que vai desde o advento do capitalismo, passando pela 1ª República e pelo período da luta anti-fascista, com destaque para a luta pelas 8 horas de trabalho no Alentejo e Ribatejo, em 1962, pelo desenvolvimento do processo fundador da Intersindical entre 1970 e 1974 e a importante participação da nossa central e dos trabalhadores portugueses no processo revolucionário iniciado com o 25 de Abril de 1974, tal como na defesa das conquistas da Revolução, consagradas constitucionalmente.

No **II volume**, procura-se avaliar o processo de consolidação da CGTP-IN como a grande central sindical dos trabalhadores portugueses, sobretudo a partir do Congresso de Todos os Sindicatos, realizado em Janeiro de 1977 e que ficou conhecido como o Congresso da Unidade. Aí vemos descritas muitas das lutas e ações que contribuíram decididamente para essa consolidação.

Ali está descrita, com inúmeros casos concretos, a longa resistência dos trabalhadores aos ataques aos seus direitos sociais e laborais, nomeadamente a luta contra os despedimentos e a precariedade.

Quanto ao Volume III, o seu subtítulo - “Anos de Saque ao Sector Público e Roubo de Direitos Laborais” - sintetiza e caracteriza bem o seu conteúdo.

Nas dez partes que lhe dão forma, estão contempladas as grandes questões políticas, económicas e sociais que marcaram treze anos de acção sindical protagonizada pela CGTP-IN: o aumento dos salários; a redução do tempo de trabalho, com relevo para a luta pelas 40 horas semanais; o emprego com direitos; a participação da Central na Comissão Permanente de Concertação Social (CPCS); a defesa das funções sociais do Estado e da justiça fiscal; a criação da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (EPBJC); as relações internacionais dos trabalhadores portugueses; os congressos, a organização sindical e a compra da sede histórica da CGTP-IN.

Dito isto, e centrando-me agora na presente 2ª Edição, importa referir que o objetivo desta publicação é divulgar as principais ações, iniciativas e lutas sindicais de carácter

geral, desenvolvidas pela nossa Central, durante o período que vai desde a sua criação em 1 de Outubro de 1970 até 1 de Outubro de 2020.

Optou-se por divulgar as principais ações, porque para enumerar todas elas, incluindo as realizadas por todas as estruturas sindicais, nas empresas e locais de trabalho, nos sectores e nas regiões, seriam precisos vários livros, tal é a riqueza de todo esse manancial de lutas e experiências sindicais.

Limitamo-nos por isso, neste trabalho de evocação, a referir as de maior dimensão e significado que foram organizadas centralmente e que têm carácter nacional.

Dessas dá-se particular destaque, com alguma caracterização, às comemorações dos Primeiros de Maio – Dia Internacional do Trabalhador; aos 14 Congressos da CGTP-IN, realizados de 1975 a 2020; e às 10 Greves Gerais realizadas depois do 25 de Abril, entre 1982 e 2013.

Para além destas grandes iniciativas, o livro contém uma cronologia com as principais lutas e iniciativas realizadas em cada ano, tendo em vista, também, propiciar uma identificação dos temas centrais que estiveram na base da ação sindical desenvolvida.

Nesta cronologia, são também referidas: as comemorações dos aniversários da CGTP-IN, do Dia Internacional da Mulher, do Dia Nacional da Juventude, assim como das comemorações do 25 de Abril e dos aniversários da Constituição da República, aprovada e promulgada em 2 de Abril de 1976.

Na parte final do livro, publicamos todos os nomes das largas centenas de dirigentes, cerca de 600 homens e mulheres, que, ao longo destes 50 anos, pertenceram à direção da CGTP-IN e que estiveram à frente dos destinos desta grande organização sindical.

O livro termina com a pauta da música do HINO DA INTERSINDICAL, e a sua origem, assim como com a letra do Hino, cujo refrão tem sido cantado, em coro, nas lutas desenvolvidas pelos trabalhadores ao longo de todos estes anos e que, estamos seguros, continuará a sê-lo, com igual vigor, nas lutas futuras.

O conjunto das realizações assinaladas neste livro, quer pela sua diversidade, quer pela grandeza das mobilizações que muitas delas assumiram, confirmam a CGTP-IN como uma força de progresso social e de emancipação dos trabalhadores, sem paralelo em Portugal.

Se juntarmos o conteúdo desta 2ª edição ao dos 3 volumes de Contributos para a História do Movimento Operário e Sindical, já referidos, temos a confirmação inequívoca de que a CGTP-IN, é uma conquista histórica do movimento operário português, e é a legítima herdeira e continuadora das gloriosas tradições de organização e de luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses.

Com efeito, os princípios orientadores e os objetivos proclamados pelo nosso movimento sindical unitário, alicerçam-se, desde as últimas décadas do século XIX,

designadamente, nas reivindicações consignadas no programa de acção, aprovado pelas "associações de classe", em 1894, e na experiência da luta de sucessivas gerações de sindicalistas e trabalhadores.

O movimento operário português vivido nas condições mais diversas, ao longo de mais de um século de existência, acumulou uma vasta experiência coletiva própria.

Experiência que, enriquecida pelos ensinamentos, pela história, e pela acção do movimento operário internacional, lhe permite afirmar-se como força social determinante na defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores, na resolução dos problemas nacionais, nas tarefas da construção de uma sociedade mais justa e fraterna e no reforço dos laços de solidariedade entre os trabalhadores de todo o mundo.

Como se comprova, a Intersindical não nasceu do exterior para dentro do movimento operário. Ela é uma criação dos próprios trabalhadores e nasceu no seu seio, debaixo para cima. Foram os trabalhadores que, em pleno fascismo, colocaram dirigentes da sua confiança à frente dos sindicatos corporativos, lutando e assumindo a defesa dos seus interesses da classe, num contexto de luta contra a ditadura, contra a guerra colonial, pela liberdade e pela democracia.

A criação da Intersindical Nacional constituiu um marco de grande significado no longo, difícil e heroico percurso do movimento operário e sindical, para se afirmar como força de progresso social e de emancipação dos trabalhadores.

A instauração e consolidação do regime democrático em Portugal são indissociáveis da acção da CGTP-Intersindical Nacional e do movimento sindical que ela congrega.

A revolução de 25 de Abril de 1974, como expressão de soberania popular, contou com a intervenção decisiva da Intersindical Nacional nas transformações políticas, económicas e sociais então realizadas, como as nacionalizações, a reforma agrária, o controlo operário, o reforço do movimento associativo, e na conquista e defesa dos mais importantes direitos políticos, económicos e sociais dos trabalhadores, conseguidos com a luta no terreno, e que vieram a ser consagrados na Constituição da República de 1976.

Pelo conjunto da diversificada movimentação de massas encabeçada pela CGTP-IN, pelo seu significado político, pela adesão à Revolução de Abril que expressou, pelo que representou no desenvolvimento do processo revolucionário, a CGTP-IN e o movimento sindical unitário tiveram de enfrentar poderosos inimigos internos e externos, congregados numa «santa aliança» para o seu enfraquecimento, divisão e mesmo liquidação.

Dividir e descaracterizar a organização que era o eixo e o motor da mobilização dos trabalhadores, a força mais conseqüente e determinada na defesa de Abril, uma força que tinha como divisa «a unidade do trabalho contra o capital», tornou-se um objetivo estratégico do poder económico e financeiro, tendo em vista conter o processo

revolucionário e criar as condições necessárias para a reconstituição do poder perdido com a revolução de Abril.

Nesta operação estiveram envolvidas forças que, dispondo de poderosos meios financeiros, políticos e propagandísticos, não olharam a meios e a métodos para atingirem os seus objetivos.

Foi a campanha contra a unicidade sindical, para dividir o movimento sindical; foi a operação «Carta Aberta», que mais tarde deu origem à UGT; foram os assaltos terroristas a instalações sindicais; foi a criação de sindicatos paralelos; as provocações contra as manifestações do 1.º de Maio de 1975, em Lisboa, e no de 1982, no Porto, e foram ainda os ataques e as limitações ao exercício das liberdades sindicais.

Estas operações podem ser sintetizadas pela célebre afirmação do dirigente e governante socialista Maldonado Gonelha de que era preciso «Partir a espinha à Intersindical».

Apesar de ter de fazer frente a tão poderosos inimigos, a CGTP-IN desempenhou um papel inestimável no desenvolvimento do processo revolucionário, cumprindo com sucesso as suas tarefas, tornando-se numa força indestrutível, necessária e insubstituível na defesa do regime democrático.

A raiz da força, influência e prestígio da CGTP-IN reside nas suas características essenciais, nomeadamente na sua natureza de classe, de massas, unitária, democrática, independente e solidária.

Características indissociáveis umas das outras que se formaram e precisaram no decurso da luta, da experiência e do empenhamento dos trabalhadores, princípios que se encontram consagrados estatutariamente e se tornaram património do movimento operário e sindical português.

E esse património assenta, fundamentalmente, na **natureza de classe** do movimento sindical que é uma necessidade objectiva derivada da própria natureza do capitalismo, tornando os interesses do trabalho e do capital inconciliáveis, realidade que se expressa através da luta de classes.

Os trabalhadores não têm outra forma de fazer frente à intensificação da exploração, determinada pelo apetite insaciável do capital em obter o máximo lucro, que não seja desenvolver a luta, unida e organizada, das massas trabalhadoras para defender os seus interesses e direitos.

Esse património, assenta na **unidade**, tendo por base os interesses comuns dos trabalhadores, independentemente das suas opções políticas ou religiosas, e que é condição fundamental para potenciar a força da sua luta, prioritariamente desenvolvida a partir das empresas e locais de trabalho, e ajudar à compreensão dos seus interesses como classe.

Esse património assenta também na **democracia sindical**, garantindo a participação dos trabalhadores na vida das suas organizações, na definição dos seus princípios e objectivos, nas formas de luta, e no respeito integral pelas decisões maioritariamente expressas, resultantes de um processo decisório democrático que valorize o contributo de todos.

Esta é a condição fundamental para assegurar a unidade, a coesão e a combatividade do movimento sindical.

Esse património assenta, igualmente, na **independência sindical** face ao patronato, ao Estado, aos partidos políticos, ou confissões religiosas, entendida como a capacidade das organizações sindicais decidirem autonomamente, pelos seus próprios órgãos e pelos trabalhadores, as regras e princípios de funcionamento, reivindicações e formas de luta.

A materialização destes princípios, na ação prática, prosseguida pela CGTP-IN, determina que esta se assuma como uma organização de classe revolucionária, que liga a luta dos trabalhadores pelos seus interesses específicos imediatos, à luta mais geral por grandes transformações sociais.

Muitos dos que aqui estamos e outros, que não estando presentes se encontram ainda activos, tivemos o privilégio de acompanhar todo o percurso dos 50 anos da nossa Central.

Enfrentámos os diferentes desafios a que os trabalhadores tiveram que responder no tempo do fascismo, durante o período revolucionário de 1974 e 1975, e no longo período de resistência à recuperação capitalista.

E pudemos observar que nesses 50 anos a CGTP-IN teve sempre o principal papel na direcção e organização da luta dos trabalhadores portugueses sem abdicar dos seus princípios e características essenciais.

Pudemos ver que nem a repressão fascista com a sua violência, prisões, torturas, proibições, censura, despedimentos, encerramento de sindicatos, conseguiu travar os trabalhadores nas suas lutas.

Vimos durante as transformações revolucionárias de Abril, e mesmo depois da Constituição de 1976, que as consagrou, a força e o poder que os trabalhadores adquirem, quando se organizam e unem em função dos seus interesses e objectivos comuns.

Aprendemos que seja qual for a situação política e económica, a mais forte e eficaz forma de os trabalhadores se oporem à exploração e à repressão do capital, é unirem-se. Unirem-se, organizarem-se e agirem apoiados nos meios que dependem exclusivamente de si, enquanto assalariados, e nos princípios de organização e acção que os distinguem como classe.

Através de um processo extremamente complexo, difícil e por vezes doloroso, enfrentando poderosos inimigos, tendo que dar resposta a novos problemas e

situações, o movimento sindical cumpriu com honra as suas responsabilidades para com os trabalhadores e o país.

Os 50 anos da CGTP-IN são anos de uma intensa actividade nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas ruas, nas instituições, em defesa dos interesses dos trabalhadores, do regime democrático e das suas conquistas.

Os trabalhadores portugueses, sob a direcção da CGTP-IN, escreveram páginas de luta verdadeiramente empolgantes pela dimensão, determinação, unidade e consciência social, política e de classe, que a todos nos deve orgulhar.

Na actualidade, o movimento sindical e os trabalhadores enfrentam novos e difíceis problemas. O capitalismo atravessa uma profunda crise que procura ultrapassar reduzindo a pó conquistas históricas, e mesmo civilizacionais, alcançadas através de duras lutas e de muitos sacrifícios de sucessivas gerações de trabalhadores.

Intensifica-se a exploração, limitam-se direitos, restringem-se liberdades. Desenvolve-se uma violenta ofensiva ideológica que visa escamotear a exploração, a que os trabalhadores estão sujeitos, e individualizar as relações de trabalho. Tenta-se desagregar e descaracterizar o movimento sindical.

Neste contexto, a CGTP-IN e o movimento sindical de classe, que ela consubstancia, continua a ser uma necessidade imperiosa e um instrumento fundamental para os trabalhadores portugueses, unidos e organizados, fazerem frente à exploração, e lutarem com êxito por melhores salários, horários dignos, emprego com direitos, serviços públicos de qualidade e por um Portugal com futuro que seja simultaneamente, Soberano, Desenvolvido e Solidário.

Por isso e para honrarmos a história da nossa Central, cabe a todos e a cada um de nós, tudo fazermos para defendê-la e reforçá-la, a partir das empresas e dos locais de trabalho, fortalecendo os sindicatos e a luta coletiva, fazendo jus ao lema de sempre da CGTP-IN:

Unidade na Ação a Força dos Trabalhadores!

Vivam os 51 anos da nossa Central!

VIVA A CGTP-INTERSINDICAL NACIONAL!

